

O JAPÃO. PEARL HARBOUR E A SAGA DO ALMIRANTE KIMMEL

Parte I

MÁRIO JORGE DA FONSECA HERMES
Almirante-de-Esquadra (Ref^o)

SUMÁRIO DA PARTE I

Uma explicação à guisa de prefácio

O JAPÃO

Do início à chegada do Almirante Perry

O início da nação japonesa

As religiões (o xintoísmo e o budismo) e a estrutura estatal

O Príncipe Shotoko

A turbulenta sucessão de Shotoko Tenno

A abertura consciente à cultura chinesa

O bushido. Os samurais

A queda dos Fujiwara

Taira x Minamoto

Minamoto e Yorimoto x Yoshitune

Os mongóis

As tentativas de invasão do Japão

Primeira tentativa (1274)

Segunda tentativa (1281)

Um século e meio de guerras feudais

A renovação do Império

Oda Nobunaga

Hideyoshi e Togupawa

A chegada da Igreja Católica no Japão

Francisco Xavier

A Europa continua suas conquistas na Ásia

Do isolamento à chegada do Almirante Perry em 1853

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

UM AUXÍLIO AO LEITOR DO ARTIGO

(elaborado pela RMB com assistência do autor)

Achikaga – grande família (± 1281)**Açoka** – imperador da Índia – séc. III a.C. Torna o budismo uma religião**Acordo dos desiguais** – acordo imposto pelos russos aos chineses em 1697-99 na fronteira manchú**Ainos** – raça primitiva que se deslocou para o norte**Amaterasu-Omikami** – deusa do sol**Angiro** – samurai que embarcou numa caravela portuguesa em meados do século XVI**Antoku** – filho da imperatriz Taira que se suicidou**Atlassov** – russo conquistador de Kamtchatea em 1697-99**Benkei** – legendário mestre de armas dos minamotos**Bill Adams** – inglês, comandante de brigue holandês *Da Leeuw* encalhado em Funai, que se tornou confidente de Tokugawa, transmitindo conhecimentos científicos do ocidente**Batsu-to** – o caminho do Buda iluminado**Buke** – defensores armados da fronteira contra os ainos**Bungo** – cidade onde trabalhavam os agostinianos**Bushi** – cavaleiro saído dos buke (samurai)**Bushido** – caminho da vida dos samurais**Chatagay** – filho mais velho de G. Khan**562** – expulsão do último japonês da Coreia, após a invasão da Imperatriz Jingo**Daimio** – chefe, príncipe**Edo** – local da nova capital (início do séc. XVII), mais tarde Tóquio**Engelbert Kämpfer** – médico alemão da feitoria holandesa de Dejima, em 1694**Enryaku** – templo em Quioto que recebeu gigantesca estátua de Buda**Eta** – classe inferior – “não homens”**Fujiwara** – grande família, derrubada em ± 1150**Fukuwara** – novo palácio imperial onde Takatura foi mantido sob vigilância**Gautama Buda** – fundador do hinduísmo; morreu em 480 a.C.**Heian** – a nova capital do Japão, geralmente chamada de Quioto**Heisan** – monte na área de Quioto onde nasceu a cidade de Heisan**Hideryori** – filho menor de Hideyoshi, tutelado por Tokugawa**Hideyoshi** – vassalo de Oda Nobunaga e seu sucessor**Hinin** – classe inferior – “não homens”**Hojo** – família que foi a principal responsável pela derrota dos mongóis (± 1281)**Horynji** – templo japonês de madeira construído nos anos 600. Existe até hoje**Ikebana** – arte de arranjo de flores**Iruka** – ambicioso nobre da família Omi**Itsanagui e Itsanami** – casal de deuses que criaram o arquipélago japonês

Iyeyasu Tokugawa – senhor feudal poderoso. Foi responsável pela morte de Oda Nobunaga. Herói do renascimento do Japão

Jimmu (tenno) – primeiro imperador – veio para as ilhas com os conquistadores no ano 660 a.C.

Jingo (imperatriz) – empreendedora da 11ª campanha historicamente comprovada contra o continente, a Coréia, em ± 100 d.C.

Jinoshotoki – a grande epopéia da cavalaria (contra os mongóis). Veja Kogiki

Junshi – antigo costume que ordena que os seguidores de um chefe o sigam em seus atos, inclusive o harakiri

Kamakura – cidade sede do governo japonês à época da invasão mongol

Kamatari – sacerdote xintoísta, chefe da conspiração contra Iruka (o usurpador do trono) e futuro primeiro-ministro após a vitória

Kamikase – deus dos ventos (tufão)

Khan ou Kan – rei mongol. Veja Gengis Khan

Katakana – escrita abreviada e simplificada, derivada da escrita chinesa

Kinnei – imperatriz do Japão que se converteu ao budismo

Kiyomori Taira – sua filha casa-se com Takotura

Ko – classe dos artifices (início do séc. XVIII)

Kobo-dacshi – escrita fonética

Kogiki – coleção de “assuntos antigos”. Veja Jinoshotoki

Kogoshima – porto, onde, em 1549, Francisco Xavier chegou ao Japão

Koju – imperador menino deposto, substituído por Masa

Kogyoku – imperatriz que abdicou ao trono acompanhada por Iruka

Kotoku – imperador, irmão de Iruka e seu sucessor

Kublai – neto de Gengis-Khan, filho do filho caçula de G. Khan, Tuli

Kuge – nobreza cortesã

Manjoshu – antologia de versos

Masa – a mãe heróica que assume no lugar de Koju

Minamoto – família que disputa o poder com os Tairas. Linhagem de príncipe

Nambanji – igreja católica monumental de Quioto, doada por Nobunaga

Nikko – cidade dos mortos dos marechais imperiais onde Tokugawa mandou construir seu túmulo

No – teatro japonês. Classe dos camponeses (início do séc. XVIII)

Oda Nobunaga – descendente de nobreza feudal – pacificador e unificador do Japão

Ogotay-Khan – designado por G. Khan para seu sucessor embora não sendo o mais velho

Omi – poderosa e nobre família japonesa do século VII

Organtino – Jesuíta, sucessor de Francisco Xavier, ativo no Japão

Portulanos – espécie de roteiro em que os navegadores da Antiguidade descreviam os pormenores das costas marítimas que descobriam ou freqüentavam. Mapa adaptado às necessidades da navegação marítima, no qual os pontos do litoral eram localizados por meio dos rumos magnéticos e das distâncias que se estimavam

percorridas (donde a imprecisão dos contornos litorâneos neles representados), e que não levava graduações de latitude nem de longitude, mas apresentava linhas de rumo que irradiavam de vários pontos distribuídos pela superfície do mapa. (Novo Aurélio. Contribuição do Almirante Herick Marques Caminha, responsável pelos verbetes de Marinha, Marinharia, Construção Naval e Náutica)

Rojin – russos

Seimu – tenno no séc. IV

Samurai – gente de armas – séquito dos grandes senhores de terra (=bushi)

Satsuma – cidade onde trabalhavam os dominicanos

Shikken – capitães que governavam graças ao seu séquito de cavaleiros

Shimatsu Takahisa – príncipe visitado por Francisco Xavier

Shimbara – feitoria portuguesa bombardeada pelos holandeses e ocupada pelos japoneses

Sho – classe dos comerciantes (início do séc. XVIII)

Shotoko-Taishi (príncipe regente do Japão) – impulsor do budismo e que se orientou pela estrutura estatal chinesa

Soga – poderosa família japonesa no séc. VII

Susano – deus do mar e da tempestade

Taika – a grande renovação

Taira – família que disputou o poder com os Minamotos

Takatura – tenno, ainda criança, casado com a filha de Kiyomori Taira

Tam-Chi – sábio chinês enviado à China chefiando uma embaixada japonesa para conhecer a filosofia de governo daquele país

Tchang-ngan – capital chinesa que inspirou Quioto

Temugin – nome original de Gengis-Khan

Tenno – imperador que é encarnação da divindade

Tokimune – sétimo shikken no poder por ocasião da invasão dos mongóis

Tokugawa – príncipe de Tokugawa, que promulgou ato de proscrição de convertidos ao cristianismo em 1614

T'Sai Yin – sábio chinês que em ± 100 d.C. leva o budismo da Índia para a China

Tuli – filho caçula de G. Khan

Xógum – general da coroa

Yamashiro – filho de Shotoko e seu sucessor pela “lei”. Peregrino do Batsu-to – o caminho do Buda iluminado

Yamato – império de Yamato – Terra dos antepassados

Yamato Dake (príncipe) – conquistador de Osaka, Nara, Quioto e as planícies de Hondo. ± 320 a 330

Yoritomo (do clã dos Minamotos) – chefe da luta pelo poder

Yoshinobu Keiki – xógum fraco (1854); assinou o tratado de Kanagawa com os Estados Unidos

Yoshitune (do clã dos Minamotos) – irmão de Yoritomo

UMA EXPLICAÇÃO À GUIZA DE PREFÁCIO

No ano de 1977 eu exercia o cargo de adido naval junto à Embaixada do Brasil em Washington. O General Celso Meyer, meu amigo desde os tempos da mocidade, adversário e companheiro de equipe nas memoráveis disputas entre a Escola Naval e o Tijuca Tênis Clube e na excelente equipe de basquete das Forças Armadas da época, era o adido do Exército.

Celso procurou-me e pediu-me para saber junto a almirantes da Marinha americana com os quais melhor me relacionasse como poderia ser obtido o livro de autoria do Almirante



Lg. B =
Lago Biwa

Husband E. Kimmel onde o comandante da Esquadra do Pacífico em 7 de dezembro de 1941 relatava sua versão sobre Pearl Harbour. Recebi, dos três ou quatro almirantes por mim consultados, a resposta peremptória de que não existia tal livro.

Celso afirmou que tinha certeza da existência do livro, pois a Biblioteca do Exército, no tempo em que ele servia na Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, pedira-lhe que o traduzisse. Esclareceu-me que se dirigiu ao general americano que chefiava a comissão, e a quem acompanhava em suas viagens pelo Brasil, e perguntou-lhe sobre a possibilidade de obter permissão para traduzi-lo para a Bibliex. Recebeu a resposta de que não deveria insistir nesse assunto.

Incumbiu sua secretária de pesquisar junto às livrarias da cidade. Tudo em vão. Recorreu, então, aos préstimos de uma funcionária da Embaixada, que, com sua experiência, solucionou rapidamente a questão: obteve o livro na biblioteca do Congresso e tirou cópias. Celso cedeu-me uma.

Com minhas idas e vindas decorrentes da carreira, acabei por perder o referido documento. Recentemente, resolvi recorrer novamente ao amigo General Celso Meyer. Felizmente, ele tivera mais cuidado do que eu. Almoçamos no Clube Naval, quando me ofereceu outra cópia do tão almejado e importante livro *Admiral Kimmel's Story*.

Desta vez, não perdi tempo. Li-o e relei-o, com todo o cuidado de quem, à medida que se aprofundava no assunto, começava a pensar em escrever sobre tema tão intrincado. Entendi o porquê das respostas dos almirantes aos quais havia recorrido. O livro constituía-se em tabu para o governo dos Estados Unidos.

Emocionei-me, pois de um lado encontravam-se as ditas razões de Estado, alicerçadas na alta política do Presidente Franklin Roosevelt, que desejava que os Estados Unidos entrassem, o mais rapidamente possível, na guerra contra Hitler. Do outro, o sacrifício, ao meu ver desnecessário, das carreiras e dos nomes honrados de dois chefes militares: o Almirante Husband E. Kimmel e o General Walter C. Short. Resolvi escrever.

Recorri ao Almirante Celso Guimarães Lapa, adido naval em Washington, a quem desde já registro meus sinceros agradecimentos, que me forneceu outros subsídios, além de obsequiar-me com o livro *Day of Deceit*,* escrito por Robert B. Stinnet, recém-publicado.

Veio-me a idéia de escrever sobre o Japão, sua história, para que se pudesse entender melhor como e por que os japoneses chegaram a Pearl Harbour. Escolhi, então, para título "O Japão. Pearl Harbour e a saga do Almirante Husband E. Kimmel".

Interrompi, em consequência, a série de artigos que, descobri, há mais de dez anos escrevo para a *Revista Marítima Brasileira*, contando com a paciência dos leitores e da direção da Revista.

A *Revista Marítima* havia tratado do tema em excelente artigo do saudoso Capitão-de-Mar-e-Guerra (RRm) Roberto Luiz Fontenelle Lima, com o título "Lembrem-se de Pearl Harbour", em 1991.

Agradeço ao meu amigo e colega de turma Almirante Luiz Edmundo Brígido Bittencourt pelo incentivo recebido após esclarecer-lhe sobre o trabalho e dizer-lhe que sua primeira parte, ora apresentada, poderia ser considerada enfadonha pela maioria dos leitores.

N.R.: O autor do livro reservou todos os direitos, incluindo os de reprodução no todo ou em parte. Pela qualidade da obra, o exaustivo e profundo trabalho de pesquisa e as conclusões a que chegou julgo de interesse que o livro "Day of Deceit" seja adquirido pelas bibliotecas da Marinha, da EGN, do Clube Naval, entre outras.

O JAPÃO

O INÍCIO DE SUA HISTÓRIA

O início da nação japonesa – entre lendas, conjuntos de mitos que formam no seu todo uma mitologia – constitui-se, talvez, em caso único no que tange aos grandes povos da atualidade.

Tudo começou, segundo a mitologia, com um casal de deuses, Itsanagui e Itsanami, “que, estando na ponte do arco-íris, deixaram escorrer de sua lança virada para baixo gotas claras que caíram no mar escuro. As gotas caídas do dardo divino transformaram-se nas inúmeras ilhas do Japão”¹.

“E a saga da origem do povo conta que Ise, um neto da deusa do Sol, após uma viagem venturosa navegando para o norte, atingiu o mar interior do Japão, fundando, a **11 de fevereiro do ano de 660 a.C.**, o Império de Yamato, perto de Osaka. O primeiro imperador, Jimma *tenno**, descendente direto dos deuses, entrou em cena e a história do Japão começou.”² Porém, a história documentada data do **século VI**.

O **processo geológico** formador do Japão é responsável pelo “enxame de 4.068 ilhas, que se dispõe em forma decrescente como uma duna gigantesca frente ao Oceano Pacífico, e tornou-se o refúgio da história quase única de um povo (...) onde raças e tribos primitivas puderam fundir-se numa nova raça”³.

Os japoneses, quando se definiram em uma raça, dividiram-se em dois grupos principais: os protojaponeses e os ainos de pele branca, possivelmente caucasianos. Ocupando o arquipélago do sul para o norte, chegaram a Hokkaido, a mais setentrional das ilhas, onde os ainos predominaram.

Na região de Hondo, Hynshu e das ilhas dispostas em volta do Mar Interior, surgiu uma nova mistura, mas a camada formadora da futura nobreza dirigente, orgulhosa dos seus antepassados, pouco se miscigenou.

Todavia, o culto dos antepassados, a lembrança do matriarcado da deusa do Sol, Amaterasu-Omikami, ficou arraigado na alma de todos.

“Ainda hoje, são guardados no bosque de Xintó, em Ise”, a espada de Susanoo – deus do mar e da tempestade, chamado ‘condutor das nuvens’ ou ‘ceifeiro’ –, o espelho sagrado de Amaterasu e as três pedras preciosas do príncipe Yamato Dake^{4***}.”

O Império fundado por Jimmu *tenno* (660 a.C.) permanecerá em seu cerne imutável – com pequenas modificações determinadas pelo tempo ou pela influência exterior – até a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial (agosto, 1945), quando o imperador deixa de ser uma divindade e se transforma num monarca constitucional. “Isso resume o transcurso coerente e homogêneo de uma história de 2.600 anos,

* N.R.: *Tenno* – imperador que é a encarnação da divindade.

Tennoísmo – obediência formal dos japoneses ao seu imperador.

** N.R.: Ise – cidade sagrada, na Baía de Ise, próximo a Nagoia.

*** N.R.: Yamato Dake – navegando pelo Mar Interior, conquistou o que viria a ser Osaka, Nara, Quioto e as planícies de Hondo.

que a justo título pode celebrar em 1940 esse aniversário de sua unidade.”⁵

Em torno dos anos **100 da era cristã**, “a Imperatriz Jingo empreende a primeira campanha historicamente comprovável contra o continente”,⁶ a Coréia.

“O milenar Império do Meio*, com seu notável progresso cultural, científico e filosófico-religioso, atraía, na busca do saber, todas as nações do Oriente, consideradas bárbaras pelos chineses. O Japão não fugiu a esta regra. Durante os **séculos I ao IV d.C.**, o bambu, o arroz, a cultura do chá, a laranja e a cereja são introduzidos, nessa ordem, na terra do Sol Nascente”; a criação de cavalos é referida pela primeira vez em 363 d.C.; a produção de papel somente por volta de 610 passa da China para o Japão. Os japoneses, então, constroem o seu templo, Horyuji, uma das mais antigas construções de madeira da humanidade, também segundo o modelo chinês.”⁷

No **século IV**, época do *Tenno Saimu*, “as zonas centrais em torno do Lago Biwa*** e de Yamato****, juntamente com as ilhas submetidas de Shikoku e Kyushu*****, e até as ilhas Ryukin, formam um domínio imperial relativamente coeso”.⁸ O Japão, fruto da influência cultural chinesa, evolui de um estado tribal para um império feudal.

Todavia, enquanto o império se estruturava, são expulsos da Coréia os “ladrões japoneses”.

Em **562** os nipônicos nada mais possuem naquele país.

As religiões (o xintoísmo e o budismo) e a estrutura estatal

“É logo nos primórdios da história dos japoneses que o xintoísmo se destaca como pano de fundo mítico-religioso. O panteão japonês acolhe também, além dos velhos deuses, como Amaterasu e Susano, os espíritos dos antepassados de grandes personalidades, encontrando-se lado a lado, pacificamente, as maiores incompatibilidades”.⁹

“A ponte cultural construída pela Imperatriz Suiko para Tchhang-ngan (capital da China, corte da dinastia chinesa Tang), após a derrota na Coréia, põe o império insular em contato com um novo movimento espiritual, com uma re-

ligião universal (budismo), que se estenderá ao Japão e se imprimirá em sua alma”.¹⁰

Guatama Buda, que, no final de sua vida, percorre o vale do Ganges até a sagrada Benares, pregando o seu caminho “da paz interior e da libertação da roda da existência”, morre em 480 a.C.

Somente no **século III a.C.**, o imperador da Índia, Açoka, torna o budismo uma religião e uma missão budista universal consciente.

Por volta do **ano 100 d.C.**, o sábio chinês T'Sai Yon leva o budismo da Índia para

Entre 552 e 623, o budismo, com intensidade crescente, espalha-se pelo Japão e, com ele, a admiração por tudo que era da China

* N.R.: Império do Meio – basicamente a China de hoje.

** N.R.: Terra (ou império) do Sol Nascente – basicamente o Japão de hoje.

*** N.R.: Grande lago na região de Kioto e Kobe.

**** N.R.: Yamato – próximo a Osaka, considerado o local onde teve início o povo japonês.

***** N.R.: Das principais, as duas ilhas mais ao sul.

a China, e aí funda as primeiras comunidades de monges.

No século V, os monges budistas chegam à Coréia, procedentes da China, onde divulgam a nova doutrina.

“Um sábio coreano torna-se educador do príncipe herdeiro do Japão. É, sobretudo, na corte do *tenno* que o budismo ganha simpatizantes, embora os adeptos da religião xintofista tradicional se oponham ao corpo estranho.”¹¹ Porém, com a conversão da Imperatriz Kinnei, o espírito do budismo penetra definitivamente na fechada e atrasada cultura japonesa.

Entre 552 e 623, o budismo, com intensidade crescente, espalha-se pelo Japão e, com ele, a admiração por tudo que era da China.

O Príncipe Shotoko

“Na segunda metade do século VI e início do século VII, o Príncipe Shotoko-Taishi

debruça-se minuciosamente sobre a cultura e a política do império chinês, comparando-o com o Estado japonês ainda primitivo, que persiste na Antiguidade.”¹² “Pretende que a literatura, a filosofia e as artes que florescem na China há um milênio sejam implantadas no Japão. (...) Verifica que o tradicional culto dos deuses, dos espíritos e dos antepassados não suporta qualquer comparação com os altos valores éticos do confucionismo ou mesmo do budismo.”¹³

O Príncipe Shotoko é um impulsionador do budismo, cujo espírito considerava mui-

to rico. Começa, também, por orientar-se pelo modelo da estrutura estatal chinesa. Resolve virar pelo avesso a forma pela qual o Japão era administrado, o que significa tirar poder da nobreza feudal tradicional. As grandes famílias, com seus laços de parentesco, tornaram-se os centros de poder de uma sociedade rigidamente estratificada, espalhadas pelos diversos cantões.

“As grandes famílias estavam acima da escala social. No tope desta encontravam-se os proprietários cavaleiros que serviam aos príncipes de armas na mão, como vassallos.

Essa corporação de cavaleiros considerava-se descendente dos guerreiros de Jimmu *tenno*, que vieram para as ilhas como conquistadores. Os príncipes, tal como o *tenno*, afirmam ser descendentes diretos de heróis e deuses.”¹⁴ Agora o *tenno* era o chefe da família mais poderosa, com alguns privilégios religiosos e políticos.

O Príncipe Shotoko, ao tentar implantar suas reformas radicais, lastreia-se em Confúcio, que estabelecera na China, como filosofia de governo, a meritocracia. Na busca de seus propósitos, contrariando os conservadores da corte, decide “enviar à China grande embaixada sob a chefia do sábio Tam-Chi. Quando a missão regressa, o Príncipe Shotoko examina atentamente as inovações que o Japão poderia adotar”.¹⁵ Não desejava, simplesmente, trazer a cultura chinesa para o Japão, como se estivesse contida em um carimbo. Queria o saber da maior cultura do mundo

O Príncipe Shotoko começa, também, por orientar-se pelo modelo da estrutura estatal chinesa. Resolve virar pelo avesso a forma pela qual o Japão era administrado, o que significa tirar poder da nobreza feudal tradicional

* N.R.: Quando morria o *tenno*, seu sucessor era o chefe da família mais poderosa e, uma vez escolhido, encarnava o imperador divino.

de sua época, mas desejava, mais do que tudo, adequá-la ao espírito japonês.

Enfim, uma abertura consciente relativa à globalização existente no Oriente.

Shotoko toma providências amplas, desde a produção de papel, tinta, fogos de artifício, com tecnologia chinesa, passando por “escolas de caligrafia e de catálogos, mas também conhecimentos chineses sobre astronomia, medicina e outras ciências. Publica disposições sobre a melhor forma de plantar o arroz e o chá. As ordens do príncipe visam igualmente à ampliação considerável da rede de estradas rurais, à construção de pontes e canais; constrói orfanatos, asilo para velhos e hospitais”.

Porém, para obter a mudança desejada que determinasse a *taika*, que significa a grande renovação, teria que efetuar a reforma do Estado. Percebe que, para iniciá-la, necessita instruir os futuros funcionários, pois por meio deles o governo será exercido. Inaugura, então, as primeiras escolas públicas e de nível superior para funcionários.

As disposições sobre o ensino e o exame para os diferentes graus do funcionalismo são copiados do governo chinês, onde predominam os ensinamentos de Confúcio, nos quais consta a obediência a determinadas regras. “Assim, nasce, a exemplo dos imperadores chineses Tang, uma hierarquia e uma ordenação determinadas pelo mérito e pela capacidade.”¹⁷

Em 604 publica num édito de dezenas de decretos sua maneira de ver a organização do Estado e as relações sociais. Com grande insistência recomenda a observação da doutrina budista. Entre as leis morais sobre a convivência das pessoas, encontra-se a que diz que “a confiança jaz em todas as coisas... Existindo a confiança entre o se-

nhor e o súdito, o que não se torna possível fazer? Se o senhor e o súdito não tiverem confiança, tudo acaba mal”.¹⁸

O príncipe, a seguir, mexe num vespeiro ao investir contra os privilégios das famílias e ordena: “Os governadores e administradores dos domínios não devem arruinar o povo com tributos. O povo não pode ser explorado em benefício de algumas famílias de senhores. Todo o povo das ilhas tem um único senhor: o *tenno*! São seus ajudantes os que ele investe com títulos de funcionários”.¹⁹

A reação entre os chefes dos clãs familiares à perda de seus poderes e privilégios é ameaçadora e imediata.

Shotoko evita o confronto direto, pois não tinha força para impor sua reforma do Estado. Contenta-se “em sacudir e minar gradualmente o velho sistema feudal e nobiliárquico pelo recurso a funcionários instruídos e pela promoção do budismo”.²⁰

Shotoko *tenno* morre no primeiro quarto do século VII, após 610. Xintoísmo e budismo estão de certo modo integrados. As religiões choram a morte do grande príncipe que sempre buscou a aproximação e a harmonia entre elas. “Ele ensinou aos homens que há múltiplas possibilidades de chegar à salvação: o caminho dos deuses, o xintó e o caminho do Buda iluminado.”²¹

A turbulenta sucessão de Shotoko tenno

Pela regra vigente, que não havia sido alterada por Shotoko, cabia às grandes famílias a escolha do novo príncipe. Inicia-se a luta pelo poder, de tal modo que, um quarto de século após a morte do *tenno*, todos seus esforços para a mudança do Estado foram em vão, com exceção da di-

Confúcio estabeleceu na China, como filosofia de governo, a meritocracia

vulgação do budismo supranacional e da influência chinesa. Talvez não fosse muito, mas foi o suficiente para atenuar a rigidez da velha ordem feudal.

O poder do Estado passa a ser exercido pelo "chefe da poderosa família da nobreza Omi e pelo seu **ambicioso filho Iruka**. (...) Os esforços das grandes famílias Omi e Soga conseguiram a exclusão do filho de Shotoko, o príncipe Yamashiro, da sucessão do trono. Mas isso não basta ao príncipe Iruka. Ele pretende neutralizar definitivamente o grupo dos reformadores".²² Seria necessário eliminá-lo.

"O príncipe Yamashiro é um peregrino ao *Batsu-to*, o caminho do Buda iluminado. Ele quer dar o exemplo daquilo de que faz profissão de fé. O poder e a violência só significam o princípio de novas desgraças. (...) Travar a batalha contra seus inimigos implicaria em guerra civil e em decadência, morte e miséria para muitos. Acha preferível que morram alguns poucos a mergulhar o império em chamas. (...) Retira-se para a solidão, após despedir-se dignamente dos seus, e suicida-se praticando o *haraquiri*. O antiquíssimo costume do *junshi* ordena que o sigam todos os que tomam partido por ele".²³

Não foi em vão o sacrifício do príncipe Yamashiro, amado e venerado por todos. A notícia de sua morte percorre o arquipélago. Inicia-se a oposição no seio do povo e mesmo no das grandes famílias.

O chefe da conspiração contra Iruka é o sacerdote xintoísta **Kamatari**.

A insurreição ocorre em pleno palácio de Nara, quando a imperatriz recebia uma missão coreana. Iruka é morto. A Imperatriz Kogyoku abdica. Sob o trono Kotoku, irmão da imperatriz. Katamari torna-se primeiro-ministro, porém, houve lutas, com a morte dos seguidores de Iruka.

"Sob os restos fumegantes do palácio dos Soga, o que ficou enterrado foi mais do que uma velha família dominante. Os velhos tempos morreram nessas ruínas flamejantes: das cinzas ergue-se agora a *taika*,

a grande renovação. O Japão inaugura, com uma nova época, o caminho do futuro."²⁴

A abertura consciente à cultura chinesa

Sob forte influência chinesa, "na corte de Nara são registrados enormes avanços. Monges budistas criam tesouros artísticos; é escrito o *Kogiki* – coleção de 'assuntos antigos'; no

Manjoshu amplia-se a antologia de poemas escritos por poetas da corte, monges e membros instruídos da camada superior. Da abreviação e simplificação da escrita chinesa nasce a chamada escrita *katakana* e a escrita fonética de *kobo-daishi*. Mas os cortesãos conhecem, na sua maior parte, a língua e a escrita chinesas".²⁵

O refinamento nos costumes e atitudes na corte de Nara, em suas cerimônias e na própria vida dos nobres e dos áulicos, modifica-se rápida e intensamente. No entanto, esse progresso cultural fica a ela limitado.

"A confiança jaz em todas as coisas... Existindo a confiança entre o senhor e o súdito, o que não se torna possível fazer? Se o senhor e o súdito não tiverem confiança, tudo acaba mal"

Príncipe Shotoko (Séc. VII)

Fujiwara, o agora primeiro-ministro*, é o comandante do barco. A figura do *tenno* é pouco mais que decorativa. “Mesmo assim, ele permanece sendo o centro santificado do povo japonês. O imperador Kotoku, ainda que politicamente impotente, sempre é o grande sacerdote dos antepassados de todo o povo: o *tenno* é o Japão e o Japão é o *tenno*”.²⁶

A capital é mudada para “Quioto”. “Nara era uma cidade de templos, mosteiros e palácios. A nova capital, chamada Heian, mas geralmente conhecida por Quioto, é edificada a exemplo da capital chinesa Tchangngan. O bairro imperial é construído com ruas perpendiculares e decorado com esplêndidos palácios de madeira.”²⁷

Entretanto, nem tudo eram cerejeiras na terra de Yamato. O desnível social, com suas contradições, acentua-se em relação ao exuberante florescimento cultural na corte.

No monte de Heisan, na área de Quioto, nasce a cidade templo de Heisan, onde “o budismo é traduzido em japonês, e o templo Enryaku de Quioto recebe uma gigantesca estátua de Buda. (...) “Outros monges” – além dos que se concentram no templo do monte Heisan, transformando-o num mosteiro – “e também nobres percorrem o país, seguindo o exemplo de Guatama Buda. A nova religião imbrica-se profundamente na alma japonesa.”²⁸

A sociedade cortesã prossegue em sua evolução erudita; são escritas obras filológicas, históricas e literárias.

O bushido. Os samurais

A corte ignorava o mundo a sua volta, afastou-se do povo; desconhecia sua vida

miserável. Na terra de Yamato – a terra dos antepassados –, onde as tradições do velho Japão são cultuadas, e nas fortalezas da fronteira, cresce e consolida-se a consciência nacional. Vai-se formando uma oposição à nobreza cortesã dos *kuge*. Ela procede dos cavaleiros em armas da nobreza das grandes famílias.

“O *bushi* é o cavaleiro saído dos *buke*, os **defensores** armados da fronteira contra os **ainos**”. Dos homens em armas que tinham formado uma espécie de cavalaria hereditária e uma corporação própria, enquanto tropa de manutenção da ordem nos cantões, constitui-se o séquito dos grandes senhores da terra, dos príncipes. Também são chamados, como grupos, *samurais* ou gente de armas.

Este grupo dos *bushi* ou *samurais*^{***} desenvolve, a partir do dever de vassalagem inicial, uma nova forma de vida e uma consciência corporativa própria.

O bushido – o caminho da vida dos cavaleiros – baseia-se na fidelidade absoluta em relação ao senhor feudal, que exige inclusive o sacrifício da vida. ‘Já que serve que seja a grandes senhores!’, diz uma das regras da cavalaria. Os *samurais* dotam-se de um severo código de honra e de costumes, de regras de duelo, da nobre forma de combate, do uso das armas e de uma atitude moral. Os senhores dos cantões baseiam seu poder militar nos *bushi* ou *samurais*.²⁹

A história japonesa tem suas regras, porém, elas não podem durar para sempre.

* N.R.: Entre 645 e 652 é fundado o clã dos Fujiwara e entre 784 e 805 dos chanceleres Fujiwara.

** N.R.: Ainos – primitivos habitantes do Japão. Brancos de origem caucasiana (provável). Foram empurrados para a Ilha de Haikado, onde, após a paz, fundiram-se com os “japoneses”.

*** N.R.: Bushi ou samurais – homens em armas; Bushido – doutrina dos samurais.



Sociedade em recreio com músicas (gueixas) junto ao mar (gravura c. 1800)

O JAPÃO FEUDAL

(Pequena História das Grandes Nações – Japão – Círculo do Livro, 1976, págs. 84 e 30)

Um vassalo principal executa o kotau diante do seu senhor, que se senta à frente de uma tenda e parece conceder audiência aos súditos



Uma delas é a submissão desses guerreiros ao “poder de senescais” dos **tradicionais chanceleres Fujiwara**** e a outra a primazia dos *kuge*, da nobreza cortesã debilitada e afundada na boa vida de Quioto”.³⁰

A queda dos Fujiwara

Por volta de 1150, os grandes senhores feudais atacam a corte e derrubam os Fujiwara. Segue-se, então, a disputa pelo poder entre duas grandes famílias, os Taira e os Minamoto.

Taira x Minamoto

No primeiro embate, Taira x Minamoto, os Minamoto são derrotados.

O novo *tenno*, **Takotura**, ainda criança, é casado com a filha de Kiyomori Taira. Os Taira procuram reforçar sua hegemonia por meio dos laços do matrimônio. Mas, no recém-construído palácio imperial de **Fukuwara**, o imperador Tokotura é mantido sob vigilância pelo “rude Taira”.

Minamoto: Yoritomo e Yoshitune

Vinte anos após, o clã dos Minamoto volta à luta sob a chefia dos **irmãos Yoritomo e Yoshitune**.

“De todos os grandes vassallos da casa dos Minamoto, só o legendário mestre de armas Benkei havia conseguido escapar. Fiel ao *bushido*, tinha sido ele o único, nos anos mais amargos, a manter levantada a bandeira dos Minamoto, vivendo nas montanhas e juntando à sua volta os homens de armas que lhe haviam permanecido fiéis. Agora que os filhos do seu senhor – os jovens tigres – fogem do seu mosteiro, ele leva até eles seus exércitos. Recomeça a luta entre brancos e vermelhos. (...) O exército dos Minamoto avança até Kobe, liberta o imperador Tokotura e reinveste-o nos seus direitos.

Mas os Taira não abandonam o combate. Refugiam-se no mar com seus partidários e conseguem juntar, investindo sua enorme fortuna, uma frota de guerra de 500 juncos no estreito de **Shimonoseki**”.^{31***}

O irmão Yoshitune reúne em todas as ilhas 700 juncos. Precipita-se sobre o inimigo. No estreito de Shimonoseki, trava-se a batalha. “A decisão resulta da traição de um senhor feudal que se passa com 300 juncos para os Minamoto. Quando as bandeiras vermelhas são substituídas nos mastros, eleva-se um enorme clamor de regozijo na frota. Dos navios inimigos dos Taira, ressoam cânticos fúnebres.”³²

**Os guerreiros Taira,
derrotados, cravam as
espadas uns nos outros e
atiram-se no mar, onde
encontram a morte.
Também a imperatriz
escolhe, com seu filho
Antoku, o suicídio. Leva
para as profundezas o
tesouro do trono**

* N.R.: Senescais – antigo mordomo-mor em certas casas reais. Magistrado judicial ou governador-geral em certos estados (Dicionário Aurélio).

Palacianos que orbitavam em torno dos chanceleres e, desse modo, desfrutavam de poder.

** N.R.: Fujiwara – tradicional família desde 645. Foram chanceleres de 805 a 1150.

*** N.A.: Estreito de Shimonoseki – entre as ilhas de Kyushu (onde se encontra a cidade de Nagasaki) e Honshu (onde se encontra Hiroshima).

Os guerreiros Taira, derrotados, cravam as espadas uns nos outros e atiram-se no mar, onde encontram a morte. “Também a imperatriz escolhe, com seu filho Antoku, o suicídio. Leva para as profundezas o tesouro do trono.

Quando a esquadra vitoriosa dos Minamoto regressa da batalha, uma terrível punição se abate sobre todos os parentes, vassalos e amigos dos Taira, praticada, de modo geral, pelos Minamoto.”³³

Yoshitune, cavalheiresco e magnânimo, torna-se o favorito entre o povo e a cavalaria. “Cantores e poetas levam a fama do herói Yoshitune de castelo em castelo.”

Inicia-se a disputa pelo poder entre os irmãos, incentivada pelo mais velho, **Yoritomo**, cuja vida “despertou nele todas as qualidades de crueldade e astúcia. (...) Corresponde ao modelo político do homem que ambiciona friamente o poder. Quando a popularidade do seu irmão, o vencedor dos Taira, lhe parece estar demasiado perigosa, encarrega assassinos de afastar Yoshitune do caminho”.³⁴

Com a força em suas mãos, Yoritomo obriga o *tenno* a transferir para ele o poder, “como general da coroa ou *xógum* (1192). (...) Seu xogunato apóia-se na nobreza armada da cavalaria: os *bushi* ou *samurais*. Entrega a esses cavaleiros as terras apropriadas dos Taira e os liga solidamente à casa Minamoto”.³⁵ Contudo, o destino interpõe-se no caminho de Yoritomo, que morre num acidente.

A mãe heróica Masa

“O poder (após 1219) cai nas mãos de uma mulher ambiciosa, a ‘mãe heróica’ Masa, a temida ama *xógum*. O *tenno* é totalmente desprovido de poderes. (...) O

imperador menino Koju é deposto, os príncipes imperiais são banidos para ilhas desérticas. Após a morte da ama *xógum*, os senhores investem representantes da dignidade *xógum*, os chamados *shikken* – novamente capitães que governam graças ao seu séquito de cavaleiros. Sob o sétimo *shikken**, chamado Tokimune, o arquipélago é abalado pelo assalto mongol.”³⁶

Os mongóis³⁷

Mongóis, um nome que lembrava ecos terríveis para toda a Ásia e para uma vasta porção da Europa. Ainda hoje, em algumas remotas regiões da Ásia e da Rússia, a palavra mongóis é usada para indicar as piores calamidades que podem atingir um povo. Constituíam-se em tribos nômades que lutavam constantemente entre si, mas que, em dado momento de sua história, encontraram um jovem caudilho, nascido Temugin, que congregou seu povo e, já com o título de *khan*, conduziu-o para além do árido e inóspito deserto de Gobi – um lugar maldito – na busca de terras férteis, seguras, de onde pudesse obter o sustento. Temugin adotou o nome de Gengis Khan, guerreiro inigualável, verdadeiro gênio no campo de batalha, e foi o condutor de sua gente. Contudo, não se fixava na terra conquistada, por mais amena e fértil que fosse. Buscava sempre a conquista de outras regiões, outros horizontes. Para o grande *khan* inexistiam obstáculos; eliminava sem qualquer escrúpulo aqueles que a ele se opunham.

Ao morrer, em agosto de 1227, “a maré mongol não chega somente até Bagdá, Budapeste, Dalmácia, Lituânia, Polônia e Silésia; inunda também o Império do Meio. Não divide seu império entre os filhos – designou *khan* a Ogotay, embora o mais

* N.R.: Houve dois imperadores meninos: Tokotura, cerca de 1150, e Koju, cerca de 1219.

** N.R.: Shikken – chefes gerais.

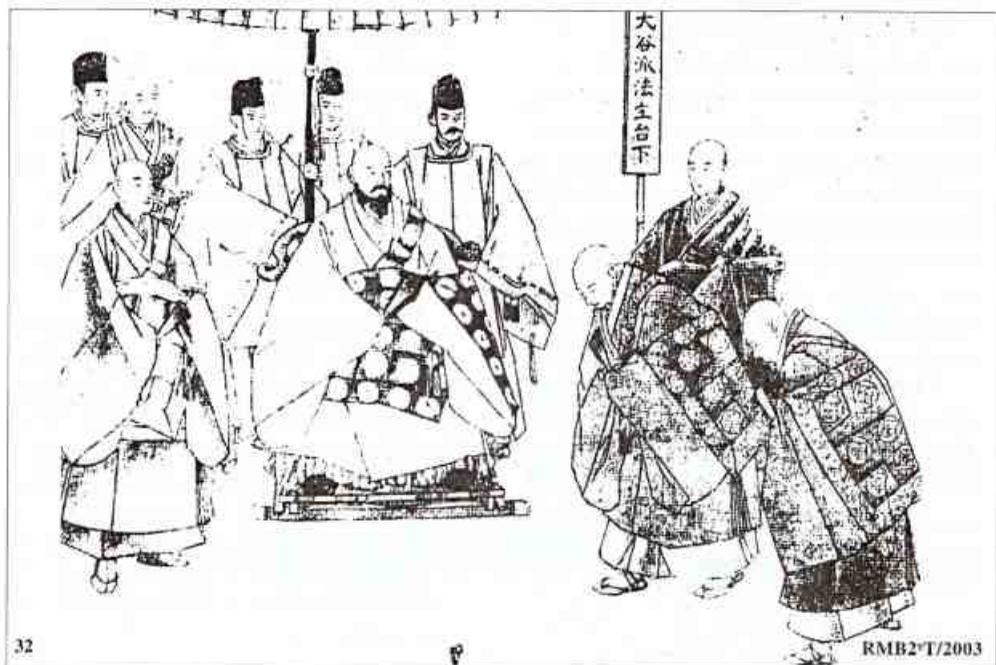


Uma batalha entre senhores feudais

O JAPÃO FEUDAL

(Pequena História das Grandes Nações – Japão – Círculo do Livro, 1976, pág. 34)

Um xógum (kozui) é homenageado por sacerdotes



velho fosse Chatagay. Conheciam-os profundamente. Todos eram guerreiros valentes, mas Ogotay possuía outras qualidades para manter suas conquistas. Com a morte de Ogotay, o império foi dividido. Coube a Kublai, neto de Gengis Khan, filho do cacula Tuli, a China do Norte.

Kublai Khan iniciou a conquista da China, que durou alguns anos.

Durante a luta contra os chineses, Kublai já pensava no arquipélago japonês.

As tentativas de invasão do Japão

Primeira tentativa (1274)

Em 1274, Kublai Khan, *khan* da Mongólia e imperador da China, armou uma frota com cerca de mil juncos de guerra chineses que transportaram um exército de 10 mil guerreiros para conquistar o Japão. Ocupam a Ilha de Tshushima, a primeira das ilhas japonesas próxima da Coreia; em seguida tomam a pequena Ilha de Iki e a Ilha de Irado. Concentram seus juncos na baía onde hoje se encontra a cidade de Nagasaki e iniciam o ataque à Ilha de Kiushu. Conquistam a parte costeira e, quando penetravam em seu interior, foram surpreendidos por forte tufão e pelos samurais do *shikken* Tokimune, conhecedores do terreno e habituados às intempéries comuns às terras do Sol Nascente.

Os mongóis são repelidos e conseguem refugiar-se nas bases coreanas de onde partiram, com grandes perdas. Apenas um terço regressou.

Kublai Khan não poderia aceitar a derrota, embora, em parte, tenha sido fruto das

forças da natureza. Antes de tentar nova invasão, envia, em 1275 e 1279, embaixadores a Kamakura, para que o Japão reconhecesse a condição de vassalo e tributário do poderoso império. Os embaixadores mongóis são recambiados humilhanamente. Foi uma afronta que não poderia ocorrer ao senhor do “trono do céu”.

Segunda tentativa (1281)

Kublai Khan preparou, então, no verão de 1281, uma frota com mais de 5 mil juncos, concentrados em portos chineses e coreanos, e mobilizou em torno de 150 mil homens, entre mongóis, coreanos e chineses, estes recrutados entre os marinheiros do Mar Amarelo.

A defesa japonesa na Ilha de Kiushu (a mais ao sul) foi desesperada. Lutaram até a morte. Mesmo pescadores sem qualquer possibilidade de sucesso buscaram enfrentar os juncos chineses. Contudo, a desproporção entre as forças era enorme.

A derrota japonesa parecia estar escrita, apesar do valor inquestionável de seus *samurais*.

“Em todos os templos do país, monges, sacerdotes xintoístas e veneradores dos antepassados rezam pela salvação perante o perigo incalculável. Os deuses intervêm enviando *kamikase*, o ‘deus dos ventos’, tufão”.³⁶

Um ciclone atinge e destrói quase toda a frota. Os mongóis que desembarcaram são atacados pelos guerreiros do *shikken* Tokimune que se colocaram em terra na costa norte de Kiushu. “Os mongóis evitam o combate e capturam a frota japonesa desprotegida e nela rumam para a ilha principal – Honshu – e para a terra dos ante-

Os mongóis são repelidos e conseguem refugiar-se nas bases coreanas de onde partiram, com grandes perdas. Apenas um terço regressou

passados Yamato. Tomam o porto e a cidade-templo de Ise e preparam novas conquistas.³⁹ Uma vez mais, depois de dois meses de luta, outro ciclone atinge os navios e os mongóis que lutavam em terra. Os japoneses, habituados a conviver com os tufões, conheciam-nos bem e assim os *samurais* puderam, com vantagem, atacar os invasores, mormente as fracas tropas chinesas, que não conseguiram, sequer, enfrentar a violência do tempo. Menos de 30 mil invasores regressaram à China.

Kublai Khan entendeu que o mar não era o caminho indicado para prosseguir em suas conquistas.

“Desde então *kamikase* é para o Japão sinônimo de última esperança e de salvação pela mão dos deuses. Todas essas lendas heróicas são registradas, pouco depois do ataque dos mongóis, no Jinoshotoki, a grande epopéia da época da cavalaria.”⁴⁰

“A vitória contra o invasor mongol serviu para unificar o país e fazer surgir um certo sentimento nacional, pois participaram da luta defensores oriundos dos pontos mais diversos do Império.”⁴¹

E o Japão segue com a sua história...

Um século e meio de guerras feudais

Após a vitória contra os mongóis, obra da família Hojo, o Japão entra num longo período de lutas entre as grandes famílias. Os Hojo, Fujiwara, Achikaga, daimios e xóguns travam, ao longo dos anos, a luta pelo poder. As grandes cidades, a exemplo

de Quioto e Kamakura (1358 a 1408), foram destruídas. A miséria se abate sobre a terra de Yamato. A segurança existia apenas nos mosteiros-fortalezas, verdadeiras ilhas defendidas pelos monges e cavaleiros em armas, protegidos por muralhas, trincheiras e fossos. Esses monges, também guerreiros, com freqüências intervinham nas contendas políticas.

Todaya, o que é impressionante, “esses mosteiros-fortalezas e cidades-mosteiros constituem também – graças a sua capacidade de defesa –

os refúgios da arte, da literatura e da ciência. (...). Sábios célebres encontram-se na Academia de Achikaga e colecionadores trazem da Coréia e da China bibliotecas inteiras”.⁴² É notável essa preocupação com o saber e as artes, em época tão conturbada, ao “conservar-se tesouros suficientes para

dar à posteridade uma imagem da riqueza cultural da época”.⁴³

Enquanto prosseguia a guerra civil, quando fica a imagem de que todos lutavam entre si, “nas províncias fronteiriças do norte da Ilha de Honshu, os cavaleiros da fronteira submetiam as últimas levas da população primitiva e dos *ainos*. Nessa altura iniciou-se definitivamente o processo de fusão das raças *yamato* e *aino*”.⁴⁴

O tempo passava. De imutável só a guerra.

Uma crônica da época relata: “Ai! Em que mundo me encontro! Guerra aqui, guerra acolá; nenhuma vida está segura, ninguém pode chamar sua a propriedade! Isso não é um presente para fazer orações ou

**O impressionante é que
“esses mosteiros-fortalezas
e cidades-mosteiros
constituem também –
graças a sua capacidade de
defesa – os refúgios da
arte, da literatura e da
ciência**

* N.R.: Yamato = origem da raça e da terra japonesa.

meditar sobre mortos sagrados. Dias como esses exigem guerreiros e não religiosos, atos e não orações.”⁴⁵ (De 1358 a 1508).

A guerra interna terminou pela exaustão, após século e meio.

A mais terrível miséria atingiu todos: os artífices, camponeses e habitantes das cidades, estes, naturalmente, os mais atingidos, mas também a nobreza cortesã dos *kuge* e os castelos dos *buke*, e, por fim, as poderosas cidades fortificadas dos daimios.

“Por volta de 1500, o Japão está desmembrado em cerca de 300 territórios feudais. (...) Na realidade, o império japonês, no limiar do século XVI, é uma colcha de retalhos de daimios, de príncipes, mosteiros e cavaleiros.”⁴⁶

A renovação do Império

Acontece na história, na vida dos grandes povos, em momentos de profundas crises que parecem sem qualquer perspectiva de solução, o aparecimento de “homens movidos parcialmente por ambição pessoal de poder e bravura, mas também pela idéia da unidade nacional”⁴⁷ e de tornar grande e respeitada a sua nação.

No Japão, “para combater uma Igreja, que se tornou arrogante, comunidades monásticas secularizadas e clãs feudais desprovidos de escrúpulos”,⁴⁸ surgiram homens como Oda Nobunaga, Iyeyasu Tokugawa e Hideyoshi.

Oda Nobunaga

No início do século XVII, Oda Nobunaga, descendente da nobreza feudal, foi expulso do Mosteiro de Hiesan por haver destruído uma estátua de Buda. Para sobreviver, tor-

nou-se um *samurai* de aluguel. Serviu a 38 senhores. Por seu valor de guerreiro e qualidades de chefia, forma um exército de *samurais* mercenários e fugitivos da guerra civil. Torna-se um grande comandante*. “Primeiro domina as tropas da corte imperial, demite as chancelarias da corte, depois entra em luta contra o xogunato dos Achikaga e estabelece, em nome do imperador, uma espécie de paz nacional numa parte considerável do país.”⁴⁹

“É no seu tempo que se dá o encontro com os primeiros missionários cristãos, que só tolera porque procura um equilíbrio religioso contra as comunidades monásticas do próprio país, secularizadas e altivas, com suas tropas e fortalezas”.⁵⁰

A guerra interna terminou pela exaustão, após século e meio

Hideyoshi e Tokugawa

A sua luta contra os senhores feudais

leva-o ao confronto direto com Iyeyasu Tokugawa, de quem passara a ser inimigo mortal e que seria o responsável por sua morte. Oda Nobunaga morre, mas deixa um sucessor que comungava de suas idéias, entre elas a de, mediante o emprego da força, voltar a impor ao país um imperador e sobretudo a paz. Tratava-se de seu talentoso vassalo Hideyoshi, que, após uma série de campanhas vitoriosas, volta a impor a ordem imperial.

São dois chefes agora na luta contra os daimios e os senhores feudais: os, entre si, inimigos Hideyoshi e Iyeyasu Tokugawa.

Tokugawa, o mais forte e inteligente dos senhores feudais, busca tornar-se o senhor de todos os senhores. Começa por enfrentar Hideyoshi, mas, depois, compõe-se com seu inimigo e juntos voltam-se contra sua própria classe, os clãs dos daimios que

* N.R.: Foi grande comandante de 1534 a 1582.



De um biombo pintado: Chegada de um navio português a um porto japonês.
Os estrangeiros são solenemente recebidos (Séc. XVI)
(Pequena História das Grandes Nações – Japão – Círculo do Livro, 1976, págs. 56 e 57)

ensangüentavam o país. Conquistam e pacificam a região central do Japão.

“Em 1600 Tokugawa trava em Sekigahara a última e decisiva batalha contra os *daimios* e seus cavaleiros.”⁵¹ A arte militar de Tokugawa decide a famosa batalha, embora contasse com a metade da força do adversário.

“Daí em diante, o Japão, sob a ordem imperial dominada por um detentor central do poder, o *xógum* da família Tokugawa (1603), determina ao país uma paz de 250 anos.”⁵²

“Esse herói do ‘Renascimento do Japão’ é um grande homem, em cuja mente vive a

enorme amplitude da alma da Ásia Oriental. Para poder pacificar o país, reconciliou-se com seu antigo inimigo mortal Hideyoshi – o vassalo de Oda –, assumindo mesmo, após a morte de Hideyoshi, em 1592, a tutela do seu filho menor Hideyori, que viria a casar com sua filha.” (...) Mas Tokugawa “sabia que a família Hideyoshi nunca renunciaria às suas aspirações à primazia; que voltaria a reivindicá-la no momento oportuno, e que, dessa maneira, o caos da guerra civil voltaria a se abater sobre o Japão. Assim, mandou atacar e exterminar pela espada e pelo fogo a família de seu pupilo e seus próprios netos”.⁵³

Tokugawa, para seus últimos dias, construiu um castelo que lhe inspiraria a tranquilidade que almejava para o final de sua vida. “Aí lê livros eruditos, discute com artistas e sacerdotes.”⁵⁴

“No bosque xintoísta de Nikko constrói um túmulo sobre o qual manda colocar sua árvore anã favorita, de dois palmos de altura, que ele, como japonês culto, ama tanto

como seus pequineses anões. Hoje, essa árvore anã transformou-se numa criptomária gigante, diante da qual vão rezar os peregrinos, em Nikko.”⁵⁵

Um poema por ele escrito na enorme escada de pedra do Cabo Shizuka (aproximadamente a 250 km a SW de Tóquio), que se estende em direção ao oceano, é testemunha de sabedoria de vida. São dele alguns dos versos abaixo:

“A vida é como uma longa viagem,
de cabeça vergada por pesada carga:
dirige os teus passos devagar, com constância e sabedoria,
assim tropeçarás menos quando ela te pesar. (...)”
“Aprende a conhecer a paz da alma, as raízes,

na tolerância, como mandamento supremo.
Do rancor e da ira a alma deves livrar! (...)
A culpa, procura-a mais em ti mesmo do que nos outros –
E quanto mais andares, mais seguro andarás.”⁵⁶

Esse foi Iyeyasu Tokugawa, o guerreiro que legou ao Japão nova ordem imperial, uma paz de 250 anos, e que, em seu julgamento, para tal, não exitou em eliminar seu pupilo e netos. Esse foi um guerreiro que, ao final da vida, em recolhimento espiritual, cercado de artistas, sábios e sacerdotes, mostrou a outra faceta do seu caráter: uma enorme sensibilidade.

A chegada da Igreja Católica ao Japão

Vasco da Gama, em 1498, chegava às Índias Orientais. Feito notável daquele almirante que sintetizava a ousadia, o espírito de aventura, a necessidade de uma pequena grande Nação de, navegando mares ignotos, encontrar terras desconhecidas em busca de riquezas, que só o arrojo português e o vasto conhecimento que os lusitanos possuíam da arte e da ciência da navegação podiam-lhes conceder.

Em 1511 a feitoria de Málaca, posto avançado do comércio colonial português, havia sido fundada. Continuaram a navegar, costeando, até Cantão. Em breve fundaram a base de Macau.

“Em 1542, navegantes portugueses foram arrastados por uma tempestade para a Ilha de Kyushu. Levaram para o Japão as primeiras armas de fogo, o que os senhores dos principados japoneses acolheram

gratamente. Com os primeiros e tímidos negócios iniciou-se um intercâmbio comercial entre portugueses e japoneses.”⁵⁷

À Europa chegara a lendária Cipango de que falara Marco Polo.

Francisco Xavier

Numa dessas caravelas que passaram a conhecer a derrota para o Japão, embarcou o *samurai* Angiro, no porto de Kogoshima,^{**} um fugitivo perseguido que matara o adversário num duelo de cavaleiros. A caravela retornou à Málaca. Durante a viagem tomou conhecimento da religião cristã, que concede o perdão das almas, “o que despertou nele o desejo de ser libertado de toda a culpa pela força do ‘sacerdote mágico cristão’. No porto de Málaca é

informado de que outra caravela acabara de chegar e que trouxera um missionário cristão altamente colocado, um homem da Companhia de Jesus, vindo da Goa portuguesa.

Esse sacerdote chamava-se Francisco Xavier. Nascido nobre num castelo perto de Pamplona, estudara em Paris e aí se associara ao fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola (em 1534).

Agora, com 40 anos, trabalha nas missões indianas como enviado do Papa e do rei de Portugal”.⁵⁸

Acontece na história, na vida dos grandes povos, em momentos de profundas crises que parecem sem qualquer perspectiva de solução, o aparecimento de homens movidos pela idéia de tornar grande e respeitada a sua nação

⁵⁶ N.A.: Da tradução alemã de K. Hanshötter.

⁵⁷ N.A.: Na Baía de Kagoshima, ao sul da Ilha de Kyushu.

O destino torna-se responsável pelo encontro do sacerdote Francisco Xavier com o *samurai* Angiro. O japonês aprendera um pouco da língua portuguesa, o que facilitou o entendimento, que era realizado pelos comerciantes em Kagoshima apenas por gestos.

“Com Angiro, Francisco Xavier e seus acompanhantes aprendem a falar japonês. Francisco Xavier ouve com simpatia a confissão do *samurai*, absolve-o e batiza-o com o nome de Paulo. Com ele informa-se da situação do Japão.

“De acordo com as informações que Paulo (Angiro) me deu, a China, o Japão e a Mongólia seguem uma lei religiosa comum... O próprio Paulo não entende a língua em que essas doutrinas estão escritas.” (...).

E, continua o apóstolo, quando escreve para a Companhia na Europa: “Quando perguntei a Angiro se os japoneses se converteriam ao cristianismo se eu fosse para lá,

ele respondeu que isso dificilmente aconteceria. Seus companheiros começariam por fazer perguntas e verificar atentamente se minha vida coincide com minha doutrina. Só nessa altura haveria a perspectiva de que o imperador, os príncipes e também o povo se deixassem batizar...”⁶⁰

Francisco Xavier nota a existência de muitas semelhanças entre o cristianismo e as crenças cultuadas pelos japoneses. “Assim, decide partir com alguns acompanhantes religiosos para o fechado Cipango e, acompanhado por Angiro, atinge o porto

de Kagoshima no Dia da Assunção, em 1549.

Cheio de alegria, Francisco Xavier escreve para Roma: Deus conduziu-nos à terra por que ansiávamos!”⁶⁰

Foi o encontro de duas civilizações em tudo diferentes, dos tipos humanos à língua, da maneira de pensar e das religiões aos costumes. Os europeus surpreenderam-se e o mesmo aconteceu com os japoneses ao observarem esses “bárbaros do mar do sul, avermelhados e de nariz comprido”. Porém, algo diferenciava os jesuítas “dos rudes marinheiros e dos inescrupulosos comerciantes”: o seu comportamento e o relativo domínio da língua japonesa. Perceberam logo os nipônicos que “esses religiosos pareciam pertencer a outro gênero de europeus: suas maneiras e seu comportamento impressionam”.⁶¹

Francisco Xavier, pouco depois de sua

chegada, recebe convite para visitar o castelo do *daimio* Shimatsu Takahisa. “O príncipe Shimatsu assemelha-se a uma borboleta dos trópicos na vastidão de seu quimono de seda branca bordada em cores. Usa na cabeça uma touca negra de forma bizarra. Em volta, há um frufu de roupagem de seda, um tilintar de estranhas armaduras de samurais. Nesse ambiente exótico travam os missionários europeus conhecimento com a cerimônia do chá, com o teatro *nô* e com a forma de discutir japonesa, marcada pela cortesia e pela impenetrabilidade.”⁶²

Mas Tokugawa sabia que a família Hideyoshi nunca renunciaria às suas aspirações à primazia; que voltaria a reivindicá-la no momento oportuno, e por isso mandou atacar e exterminar pela espada e pelo fogo a família de seu pupilo e seus próprios netos

O *daimio*^{*} interessa-se em saber sobre canhões, navios de guerra, soldados, que formavam o poder militar dos reis ocidentais, e da possibilidade de negócios envolvendo mosquetes, pólvora e chumbo. Todavia, Francisco Xavier, missionário experiente, insiste e diz de sua missão e enfatiza não ser um comerciante de armas. O *daimio* Shimatsu, que julgava sua civilização superior à européia, logo se desinteressou do encontro.

O missionário é convidado por outras famílias, mas “antes de poder falar em religião, os jesuítas têm primeiro de dar provas de superioridade técnica e científica geral de seu mundo. Assim, Francisco Xavier começa a dar lições de astronomia, matemática, geografia e física – afinal ele é mestre da Sorbone de Paris. Só depois de maravilhar

os japoneses com seus conhecimentos consegue as primeiras conversões: alguns nobres e samurais aceitam ser batizados”.⁶³

Contudo, demorou pouco a permanência dos missionários em Kyushu. O *daimio*, inesperadamente, proíbe novas conversões. Como que para livrar-se desses estrangeiros, autoriza-os a seguirem para o norte, pelo Mar Interior, ao encontro da corte dos imperadores.

A viagem mostra os dias caóticos em que vivia o Japão, fruto das intermináveis guerras. A destruição e as cinzas marcam a paisagem. “Mas é também a época em que Oda Nobunaga e o seu vassalo Hideyoshi começavam a levantar-se contra os exércitos dos senhores feudais e o *tenno* permanecia impotente no seu palácio decadente de Quioto.”⁶⁴



São Francisco Xavier, o missionário jesuíta (1506-1552) aportou em 1549 pela primeira vez em Kagoshima (Ilha de Kyushu) (Pequena História das Grandes Nações – Japão – Círculo do Livro, 1976, pág. 58)

Afinal, com muito custo, os missionários encontram a residência do *tenno*. O imponente palácio da Rua Muromachi – no passado um centro de cultura – mostra os estragos causados pelas guerras. “Os telhados de porcelanas esmaltados revelam buracos por onde a chuva penetra, e nos pátios interiores os criados têm que colocar biombo para proteger a vida privada do *tenno* de olhares curiosos.”⁶⁵

Francisco Xavier, homem culto e perspicaz, percebe de imediato o esforço do *tenno* empobrecido em manter os custos rituais. “Mas nas travessas não há mais que arroz e um pouco de carne.”⁶⁶ O missionário conclui que o poder não está com o *tenno*. Encontra-se com os senhores da guerra. “E ele sabe que só se pode converter um povo se seus governantes forem convertidos.”⁶⁷

* N.R.: Daimio – príncipes, com autoridade em seus cantões.

Francisco Xavier deixa Quioto e percorre o Japão, onde visitou diversas cortes de príncipes. "Discute com monges budistas, sacerdotes xintoístas, professores e magos. Ao mesmo tempo, esforça-se por ganhar o prestígio de que necessita entre os japoneses."⁶⁸

Oferece aos *daimios* e seus conselheiros presentes que os navios traziam da Europa. Porém, diferentemente dos mercadores, que, ávidos de lucro fácil, barganhavam com quinquilharias, preocupava-se em fazer chegar às mãos dos príncipes objetos sofisticados, "como um belo relógio que bate as horas exatamente 12 vezes de dia e 12 vezes de noite; uma caixa de música que produz sons estranhos sem ninguém lhe tocar e vidros com os quais um velho consegue ver tão bem quanto um jovem".⁶⁹

Contudo, apesar de seus esforços, é obstaculizado pelo muro intransponível da cultura japonesa, que o missionário logo identifica como de origem chinesa.

"O gigantesco 'Império do Meio' é o local central que domina a Ásia oriental, e nenhum dos seus satélites – nem o Japão – fará qualquer coisa sem a chancela chinesa. Perguntam-lhe constantemente por que os chineses não são cristãos, por que os sábios chineses não aprenderam a ciência europeia. Francisco Xavier convence-se de que

só será possível difundir sua religião no Japão depois de penetrar na China."

"Creio, escreve o missionário, que terei de partir para a residência do imperador da China ainda este ano. (...). Só quando a China estiver ganha é que todos os povos do Oriente se voltarão para a cruz..."⁷⁰

Em 1550, Francisco Xavier e seus frades deixam o Japão. Embarcam para Málaca, daí para Goa, de onde "partem, esgotados e doentes, para a embocadura do 'rio das pérolas', diante de Cantão.

Aportam a uma pequena ilha e esperam a autorização para entrar. Mas essa nunca chegará. O 'Império do Meio' não deseja qualquer contato com os 'bárbaros do mar do sul' e evita o encontro com o mundo exterior. Francisco Xavier estava destinado a morrer à vista da costa chinesa, sem ter podido levar a doutrina de Cristo para o Continente".⁷¹

Entretanto, no Japão, tudo indicava o

êxito do apostolado católico.

A Europa continua suas conquistas na Ásia

A princípio, só os portugueses possuíam os portulanos* que os conduziam, contornando o Cabo da Boa Esperança, à Índia, à China e ao Japão.

Foi um segredo de Estado que não pôde ser guardado. Afinal, para alguns, o dinhei-

Francisco Xavier convence-se de que só será possível difundir sua religião no Japão depois de penetrar na China. Entretanto Francisco Xavier estava destinado a morrer à vista da costa chinesa, sem ter podido levar a doutrina de Cristo para o Continente

* N.R.: Portulanos – Espécie de roteiro, criado pelos portugueses para navegar. Mapa adaptado às necessidades da navegação marítima nos quais os portos eram localizados por meio de rumos magnéticos e das distâncias. Daí a imprecisão dos contornos litorâneos. Não levavam referência a latitude nem a longitude.

ro é o mais devotado dos deuses, e por ele esses alguns são capazes de tudo. Em breve os espanhóis os haviam conseguido e, por fim, holandeses, ingleses e franceses.

“Desde 1518 há negociantes portugueses no Ceilão; em 1542 estão em Kagoshima, em Kyushu; em 1557 é fundada a colônia de Macau; em 1572 desembarcam em Java.

Desde 1521 a bandeira espanhola paneja nas Ilhas Marianas; o arquipélago situado entre o Mar da China Oriental e o Mar das Celebes recebe o nome de Filipinas, em honra do herdeiro do trono espanhol; em 1569 o arquipélago torna-se colônia da Espanha.

Os holandeses e ingleses transportam para a Ásia Oriental a luta entre Reforma e Contra-Reforma, que continua presente nos campos de batalha da Europa. Em 1594, os holandeses aparecem em Java, e em 1610 instalam-se em Jacarta, a que chamam Batávia.

Os ingleses e franceses fundam feitorias em território indiano.⁷²

Os europeus chegam a essas terras, para eles estranhas, com o espírito da cobiça embutido no comércio colonialista imperial. É verdade que os missionários de Roma, que, normalmente, antecedem os conquistadores, são possuídos, ao propagarem o cristianismo, “de uma forma de vida mais clemente, mais humana, marcada pelo humanismo da doutrina cristã e pela fé na salvação”.⁷³

Com a chegada dos defensores da Reforma, estabelece-se no Japão a disputa entre os propagandistas da Igreja de Roma e os que fazem oposição aos ‘papistas’. Con-

tudo, o trabalho de Francisco Xavier deixou firmes raízes entre os japoneses. Sua passagem por Kyushu foi de grande valia para o cristianismo, que ali realizou rápido progresso. Seus sucessores “estão bem preparados para suas tarefas, pois familiarizaram-se nas universidades jesuítas com a língua, os costumes e a mentalidade dos japoneses; levam uma vida exemplar; constroem hospitais e escolas e atraem a população pelo fausto dos serviços divinos e das procissões”.⁷⁴

Os sacerdotes jesuítas exultam com o progresso de sua obra missionária. “Em 1570, o padre jesuíta Organtino comunica orgulhosamente a Roma que, na cidade portuária de Kyushu oriental – Nagasaki – e nas imedia-

ções já vivem 20.000 cristãos. Na cidade da Ilha de Honshu, Hiroshima, há, igualmente, 5.000 cristãos.” O padre Organtino crê animadamente poder prognosticar que, no espaço de uma geração, todo o Japão se terá convertido

à fé cristã”.⁷⁵

A porta parecia estar definitivamente aberta quando o poderoso *xógum* Oda Nobunaga manda chamar os jesuítas a Quioto. Porém, os propósitos de Nobunaga não se prendiam à religião. Eram políticos. Sua intenção era a de utilizar os missionários cristãos como contrapeso aos militares budistas.

Nobunaga dá todas as facilidades à conversão ao cristianismo. Pouco tempo foi suficiente para que os jesuítas de Quioto informassem a Roma “que há no território central japonês 150.000 batizados, 59 pregadores jesuítas percor-

Um legado e visitador-geral papal dirige, a partir de Quioto, a Igreja japonesa em rápido crescimento

* N.A.: Por ironia do destino, foram estas as cidades japonesas escolhidas pelos Estados Unidos para serem sacrificadas em holocaustos nucleares.

rendo a terra de Yamato e cerca de 200 igrejas construídas. A mais monumental, Nambanji, em Quioto, foi doada por Nobunaga. Um legado e visitador-geral papal dirige, a partir de Quioto, a Igreja japonesa em rápido crescimento".⁷⁷

Os missionários jesuítas entrosam-se completamente com a camada culta da sociedade japonesa, tornando-se partícipes de seus costumes.

Com a morte de Nobunaga, seu sucessor, Hideyoshi, com pulso firme, vai reconstruindo a estabilidade do país, destruída pelas guerras. Os missionários católicos continuam obtendo progresso em seu trabalho de conversão.

Hideyoshi realiza grandes reformas, inclusive "uma reformulação da propriedade fundiária sujeita a imposto, em todas as ilhas permite a concretização de uma 'reforma social da terra' e do estabelecimento de um sistema de taxaço razoável. Os cofres do Estado enchem-se agora com as moedas de ouro recém-cunhadas".⁷⁸

Mas, em suas reformas – entre elas a criação, em 1588, de cinco ministérios –, resolve, para seu deleite, arranjar um harém de 300 mulheres por ele escolhidas. Os padres jesuítas fazem sentir sua desaprovacão, embora de forma cuidadosa.

Hideyoshi resolve atacar a Coréia. "Os europeus – e para o *xógum* isso é um sinônimo de cristãos – têm que lhe fornecer canhões, mosquetes e pólvora, para grande alegria dos comerciantes e para grande preocupação dos missionários. Começam a aparecer as primeiras gotas amargas no cálice da auspiciosa ligação do Japão com o cristianismo."⁷⁷

O exército chinês o derrota na Coréia do Norte e o *xógum* começa a duvidar da eficácia das armas européias, ao mesmo tempo em que desconfia de que os europeus tenham-nas fornecido, também, aos chineses. Hideyoshi não aceita as observações e a atitude dos jesuítas ao seu novo estilo de vida.

A imprevisibilidade, às vezes, conduz a história.

Um galeão espanhol oriundo de Manila arriba, com avarias, ao porto de Osaka e é confiscado com seu carregamento pelos japoneses. O capitão do barco vai até Quioto, obtém audiência com Hideyoshi e, com arrogância, diz-lhe sobre o poder do império espanhol. "Desenha-lhe um mapa do mundo em que mostra como o domínio da Espanha se estende do Peru até Nápoles, das Filipinas aos Países Baixos.

Aparentando ingenuidade, Hideyoshi pergunta como a Espanha conseguiu apoderar-se de tantas possessões. O orgu-

lhoso espanhol explica que é muito simples: primeiro mandam seus missionários pregarem o cristianismo; em seguida, semeada a discórdia entre os selvagens, estes ficam intimamente dispostos à submissão. Mais tarde, aparecem então as esquadras espanholas, que ocupam o que as raças locais, cansadas da guerra, já não querem defender.

Essa informação leva Hideyoshi a uma grande meditação."⁸⁰

Em 1597, os jesuítas, sem qualquer desconfiança, sentem a lógica (ou, para eles, a falta de) do caudilho nipônico, que ordena "deter todos os cristãos em Nagasaki e a crucificação de nove sacerdotes e 16 batizados.

Em 1597, o caudilho nipônico ordena "deter todos os cristãos em Nagasaki e a crucificação de nove sacerdotes e 16 batizados ..."

Hideyoshi morre pouco depois. Sob o poder o terceiro dos príncipes reformadores, o *xógum* Tokugawa. Os jesuítas renovam suas esperanças.

A capital é transferida de Quioto para leste, para um local chamado Edo, onde é construída a “capital oriental”, ou Tóquio.

Tokugawa consegue tirar a força dos senhores feudais com o artifício de ligar pelo matrimônio a família do xogunato a todas as famílias de *daimios* do país. Usa os poderes de um estado policial para conter as aspirações de autonomia dos cantões. “É proibido aos *daimios* penetrar na velha Quioto, onde o *tenno* continua a reinar num isolamento sagrado. O imperador continua, é certo, a ser o filho do Sol e o senhor nominal do arquipélago. Mas é em Tóquio que está o verdadeiro governo do Príncipe Tokugawa.”⁸¹

A sociedade japonesa, do topo à base, é dividida e subdividida em camadas perfeitamente estratificadas. “As comunidades monacais dos budistas e xintoístas são destituídas do poder, seus exércitos particulares dissolvidos.”

“Nessa época (em torno de 1585) os jesuítas podem anunciar a Roma que 123 membros de sua ordem desenvolvem suas atividades em dois colégios, duas casas principais, uma noviciária e 21 delegações. O número de

batizados é estimado em 1 milhão. Em Tóquio trabalham franciscanos, em Bungo, agostinianos e em Satsuma, dominicanos.”⁸²

O acaso parece comandar a roda da vida. “Em 1598, o brigue holandês *De Leeuw* encalha em Funai.

Os influentes portugueses e espanhóis desconfiam que os tripulantes – membros do ‘calvinismo, inimigo de Roma’ – se dedicam à pirataria. Assim, a tripulação é levada ao *xógum* em Tóquio.”



Como os católicos europeus viram o martírio dos franciscanos e cristãos em Nagasaki em 5 de fevereiro de 1597 segundo gravura do francês Callot. (Pequena História das Grandes Nações – Japão – Círculo do Livro, 1976, pág. 67)

O capitão do *De Leeuw*, o inglês **Bill Adams**, homem honesto de caráter e corajoso, cai nas boas graças de Tokugawa. Transmite seus conhecimentos de astronomia náutica e matemática; torna-se professor de capitães japoneses e dono de estaleiros. “Passa a ser um dos confidentes de Tokugawa. O que lhe conta sobre a ação das missões católicas modifica a atitude do xógum em relação aos jesuítas.”⁸³

Novamente o acaso conspira contra os enviados de Roma.

“Em 1608, o governador espanhol de Manila naufraga na costa japonesa e é levado para Tóquio, onde se gaba perante o xógum dos enormes lucros do comércio ultramarino.”⁸⁴

Tokugawa vai fazendo seu próprio juízo sobre os europeus. Os japoneses não conseguem entender as desavenças entre as ordens da Igreja Católica e a franca hostilidade entre portugueses, espanhóis, ingleses e holandeses. Verificam, com o passar do tempo, como são enganados e explorados pelos comerciantes brancos que chegam a seus portos. Tokugawa firmara opinião sobre as verdadeiras intenções dos europeus.

“Considerando a expansão do cristianismo como uma ameaça ao poder central, o príncipe Tokugawa promulga um édito de proscricção em 1614, exilando numerosos nobres que haviam se convertido.”⁸⁵

Tokugawa retira-se da vida pública, embora ainda mantenha poder nos bastidores.

“Aos filhos e netos que lhe sucedem faltam sua grandeza e superioridade. Por medo fecham o mundo insular ao estrangeiro e renunciam ao comércio marítimo, que o príncipe se preocupara tanto em estimular.

O Japão isola-se.”⁸⁶

A xenofobia e a auto-suficiência passam a predominar e, com elas, acentua-se a

perseguição à fé cristã. São afixados cartazes, por todo o Japão, com determinações específicas sobre os cristãos e sua fé:

“A fé cristã está proibida para sempre!

Quem descobrir um suspeito deve denunciá-lo ao governo.

Receberá como recompensa: por um padre, 200 peças de prata; por um frade, 100 peças de prata; por um crente, 50 peças (...).

Torna-se público que, onde quer que seja escondido um cristão, não será só ele severamente pu-

nido, mas também o chefe da comunidade.”⁸⁷

Nagasaki, que estava quase completamente cristianizada, é tratada com rigor ainda maior. A pena é a morte na cruz.

“As feitorias comerciais européias são eliminadas da mesma maneira que a sede das missões. Os holandeses, com os canhões de seus navios, bombardeiam a feitoria portuguesa de Shimbara, deixando-a em condições de ser ocupada pelas tropas japonesas. A recompensa é bem mesquinha. Os holandeses são encerrados



O Príncipe Iyeyasu Tokugawa, neto de Iyeyasu. (Pequena História das Grandes Nações – Japão – Círculo do Livro, 1976, pág. 71)

na minúscula ilha de Dejima, no porto de Nagasaki, onde são autorizados a vegetar como parte da missão comercial chinesa.”⁸⁸

Foram apagados todos os vestígios dos “bárbaros vermelhos e narigudos do mar do sul”. As ilhas são fechadas para todos os estrangeiros, senão para sempre, por um quarto de milênio.

Do isolamento à chegada do Almirante Perry em 1853

É uma nova época do Império do Sol Nascente, onde predomina a paz interna e externa sob o xogunato dos Tokugawa. O Japão fecha-se conscientemente ao mundo exterior. Desiste de qualquer ato de guerra contra seus vizinhos coreanos e chineses.

“Entre 1603 a 1868, sobressai o brasão dos *xóguns* Tokugawa, as três folhas de avelaria com as pontas viradas para dentro”, que simbolizava o isolamento do Japão.

A paz interna é conseguida com alianças às mais tradicionais famílias, com a “obrigação dos *daimios* – antigos semeadores de revoltas nos inúmeros cantões e ilhas – de construir um palácio em Edo e viver aí, nas proximidades do *xógum*”. Mas, acima de tudo, “o poder do império agora pacificado assenta na infra-estrutura das cerca de 400.000 famílias de *samurais* que, espalhadas por todo o império insular, mantêm sua forma de combate através de constantes exercícios de cavalaria”.⁸⁸

Os *xóguns* Tokugawa reintroduzem em seus guerreiros os valores tradicionais do *bushido*: “A simplicidade, a fidelidade incondicional aos deveres de vassalagem e a honra voltam a ser consideradas virtudes supremas dos *samurais*.”

Engelbert Kämpfer, o médico alemão da feitoria holandesa de Dejima, descreve, em 1694, o caráter dos japoneses: “são corajosos, heróicos e vingativos, ambicionam a

honra e a fama, estão habituados à dureza contra si próprios, mas são grandes veneradores da cortesia e dos bons costumes, de um porte impecável e do autocontrole, e procuram manter-se limpos a si e às suas habitações. Ultrapassam de longe os cristãos quanto a virtudes práticas, à pureza da vida que levam e a manifestações de religiosidade”. (...)”⁸⁹

“O jesuíta Almeida informa Roma sobre os japoneses dessa época: a sua maior paixão é a honra, como homens que pretendem ganhar prestígio e destacar-se pelo mérito.

Dedicam-se principalmente a exercícios guerreiros, usam armas a partir dos 12 anos e não as largam nem ao ir para a cama, para mostrar que até dormindo são guerreiros.”⁹⁰

O médico alemão e o jesuíta não descreveram o povo japonês em sua média naquela sociedade rigorosamente estratificada em camadas. Falaram dos *samurais*, que se “atribuem preponderância moral, de caráter, de vontade em relação ao povo inferior. Essa primazia não era só exigida, mas

O Japão isola-se. A xenofobia e a auto-suficiência passam a predominar e, com elas, acentua-se a perseguição à fé cristã. A fé cristã está proibida para sempre! Quem descobrir um suspeito deve denunciá-lo ao governo. Em Nagasaki, a pena é a morte na cruz. As feitorias comerciais européias são eliminadas da mesma maneira que a sede das missões

reconhecida. No testamento de Iyeyasu Tokugawa* lê-se a frase: 'Os samurais são os senhores entre as quatro classes! Eles podem esmagar quem não se comportar como é devido'...⁹¹

"As outras classes são os *no* ou camponeses, os *ko* ou artífices e os *sho* ou comerciantes, precisamente nesta hierarquia. Abaixo deles só se situam os *eta* e os *hinin* – que significa algo como 'não homens'."

Na falta de guerras externas, a corporação dos samurais torna-se uma poderosa força policial responsável pela paz interna, "da manutenção da ordem, que garantia o respeito de uma atitude espiritual rigorosamente nacional japonesa e de uma atitude cultural que impregnava o povo".⁹³

"Um inglês escreveu por volta de 1700 sobre essa estranha cultura: 'Ouvir falar sobre ela, um paraíso; viver nela, um inferno!'.⁹⁴

O cristianismo foi sendo eliminado até ser quase que totalmente extinto.

O xintoísmo e o zen-budismo, soberanos, voltaram a determinar "o espírito da cultura e da consciência do Japão. (...) A doutrina zen, que procura a harmonia perfeita do céu, da terra, das plan-

tas, dos animais e da existência humana, marca igualmente os gêneros artísticos japoneses, como a aquarela, o *ikebana* – arte do arranjo de flores –, a cerimônia do chá e a preferência generalizada dos japoneses pela simplicidade e pela contenção".⁹⁵

"O caráter do Japão, um país pequeno, com uma reduzida extensão de solo fértil, país das mil ilhas e baías, exprime-se pela predileção pelo jardim pequeno, pelas árvores anãs artisticamente cultivadas e pelas dimensões bem delimitadas dos seus parques".⁹⁶

O Japão, ao longo de 250 anos de paz e isolamento do mundo, torna-se uma nação auto-suficiente, com costumes próprios e o que poder-se-ia chamar de um caráter estritamente japonês.

O mundo a sua volta, diferentemente do Japão, não permanece estático. Pelo contrário, experimenta, nesses longos anos, progresso considerável, sobretudo material, o que determina avanços no campo militar e na arte da

guerra, conseqüência das novas armas, sobretudo no Ocidente. Surgem no cenário mundial novas potências: a Inglaterra, a França, a Alemanha e a Rússia czarista.

“Os japoneses são corajosos, heróicos e vingativos, ambicionam a honra e a fama, estão habituados à dureza contra si próprios, mas são grandes veneradores da cortesia e dos bons costumes, de um porte impecável e do autocontrole, e procuram manter-se limpos a si e às suas habitações. Ultrapassam de longe os cristãos quanto a virtudes práticas, à pureza da vida que levam e a manifestações de religiosidade.”

Engelbert Kämpfer
médico alemão

* N.R.: Iyeyasu Tokugawa – grande xógum da linhagem dos Minamotos.

“Na Filadélfia, no dia 4 de julho de 1776, foi assinada a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, redigida por Thomas Jefferson. Este fato, que representa a primeira formulação dos direitos do homem, marca o nascimento como nação das 13 colônias britânicas na América do Norte”.⁹⁷ Os americanos, desde as lutas por sua independência contra os ingleses, mostraram vigor extraordinário, e, à semelhança das nações européias e da Rússia, a vontade de expandir-se e de conquistar novos mercados. Era o imperialismo colonialista que se lançava, uma vez mais, sobre o Oriente.

“Por volta de 1700, uma outra espécie de ‘bárbaro’, de modos rudes e comportamento mais brutal, aproxima-se vindo do norte. São os *rojin* ou russos.”⁹⁸ Desde os tempos de Ivan, o Terrível, e Pedro, o Grande, os russos atravessaram a inexplorada Sibéria e a anexaram ao Império

da Rússia. “Em 1697-99, o russo Atlasov conquista a península de Kamtchatca e a força russa impõe aos chineses os ‘acordos dos desiguais’, ao longo da fronteira manchú.”⁹⁹ O império dos czares busca acesso às águas quentes, sua grande ambição geopolítica. No extremo oriente esbarram na cadeia insular japonesa.

Os nipônicos observam os intrusos que se aproximavam de “sua terra de conto de fadas, agora também a partir do norte”. Até então, somente a bandeira holandesa tremulava em seu território, na pequena ilha em Dejima. Agora são pretensos “barcos hidrográficos” e “explorações científicas de pesquisa” que cruzam ao norte, entre a

península de Kamtchatca e a Ilha de Sacalina, das Ilhas de Ryukiu ao Canal de Tsushima. “Os russos, segundo Hanshofer, chegaram a passar o inverno com sua esquadra em Nagasaki..., apodegando-se, assim, da cabeça-de-ponte do império insular...”¹⁰⁰

O Japão não estava mais isolado, nem seguro. Em breve teria que compartilhar seu pequeno mundo com os “narigudos de pele vermelha”. Sabiam disso. A tudo assistiam inermes.

A aproximação estrangeira mexe com a ordem e a cultura nacionais cristalizadas ao

longo de dois séculos e meio de paz interna e isolamento. O xogunato começa a ser questionado. Inicia-se um movimento entre a intelectualidade com reflexos na juventude, no sentido de libertar a terra de Yamato da coerção dos *xôguns*. Propugnava, esse movimento, pela volta dos poderes do imperador e apelava para a

renovação contra o marasmo.

As notícias do mundo de fora, “dos enormes progressos do mundo ocidental, da Europa e da nova América surgida no Pacífico”,¹⁰¹ infiltravam-se pela feitoria de Dejima. Eram estímulos para os reformadores japoneses lutarem para a abertura de seu império, a fim de poderem participar do progresso ocidental.

Havia os que discordavam. Um sábio conservador, em 1850, advertia: “A política dos bárbaros é começar por entrar num país por causa do comércio, depois da religião e, finalmente, provocar a subversão e a desordem. Lembremo-nos da experiência dos nossos pais há 200 anos. Não

O Japão, ao longo de 250 anos de paz e isolamento do mundo, torna-se uma nação auto-suficiente, com costumes próprios e o que poder-se-ia chamar de um caráter estritamente japonês

desprezeis os ensinamentos da Guerra do Ópio na China."^{102*}

"No ano de 1852, russos e americanos eram aqueles que mais esperavam a abertura do mercado japonês. Os primeiros, proprietários definitivos da província de Amur, buscavam os mares quentes, e a América procurava portos de escala favoráveis para seu comércio mundial em direção à Ásia oriental."¹⁰³

Os adeptos da abertura, entre os que percebiam que o Império não poderia continuar na época medieval, cresciam, junto aos que a viam como a única maneira de modernizar o Japão.

No início de 1853, Franklin Pierce – o presidente de uma nação que se tornara independente em 1776, há menos de 100 anos, e que o destino colocara em torno de uma mesa, entre os seus maiores, talvez, como nunca na história, homens sábios e patriotas, com a clarividência de que iniciavam os desígnios de um grande povo, para redigirem na Filadélfia, em 1787, a Constituição dos Estados Unidos – determina que navios de guerra americanos, sob o comando do Almirante Matthew C. Perry, cruzassem o Pacífico rumo ao Japão, a fim de apresentar suas exigências para que os nipônicos abrissem seus portos aos americanos.

* N.A.: A Guerra do Ópio (ou melhor, as Guerras do Ópio) foi um dos atos mais ignóbeis perpetrados contra um povo. Seu móvel, a busca de divisas a qualquer pretexto, a fim de compensar a declinante economia britânica, decorrente da concorrência motivada pela industrialização da Europa Continental.

A Coroa britânica, sob o reinado de Jorge III, iniciou um comércio extremamente lucrativo e em contínua expansão com a China, com a venda de pélas de ópio, oriundas da papoula cultivada em Bengala, Índia. O povo chinês, preso ao vício da droga, perdia suas forças físicas e mentais. A China esvaía-se como nação.

Em 1839 o Imperador da China designou Lin Tse-hsu, comissário de Cantão, homem enérgico e incorruptível, para enfrentar, com carta branca, essa questão de vida e morte para seus súditos: o ópio deveria ser erradicado do território chinês.

Lin Tse-hsu cumpriu a missão. As pélas de ópio, procuradas com afincio, foram jogadas no mar e nos rios. Os prejuízos para a Coroa britânica, imediatos e vultosos, tiveram repercussão entre os que negociavam com o ópio e no Parlamento, em Londres.

Não foi difícil para o governo de Sua Majestade, agora sob o reinado de Vitória, criar um motivo para que o Primeiro-Ministro Palmerstorn, ouvidos os parlamentares, obtivesse votação favorável para enviar, da Índia, uma força naval para subjugar os chineses, que, abatidos pelo uso continuado de dez anos de ópio, não puderam resistir. Seus soldados estavam de antemão derrotados pelo uso da droga.

A tomada de Nanquim obrigou o Imperador a aceitar a paz que lhe foi imposta, com a assinatura do Tratado de Nanquim, que entre seus termos estabelecia que fosse criada uma lei que permitisse o comércio do ópio, além do pagamento de fabulosa indenização, o acesso a vários portos chineses e o controle extraterritorial do "porto livre" de Hong Kong, de onde os ingleses passaram a dirigir o tráfico da droga.

Em 1860, Lord Palmerstorn voltara a ocupar o cargo de primeiro-ministro. Agora, aliado à França, concluiu o que para ele estava inacabado e iniciou a segunda guerra do ópio, com o propósito de colocar toda a China na obrigação de enquadrar-se ao livre comércio e à igualdade internacional, pilares do conceito imperialista dos britânicos.

Pequim foi destruída, queimada e saqueada pelas tropas inglesas, a despeito dos protestos franceses. "Nos próximos 20 anos o total da exportação de ópio para a China, na maior parte, cresce de 56.681 caixas em 1860 para 105.508, em 1880."

O ópio começava a espalhar-se pelo mundo. Não seria exagero ou temerário dizer-se que a situação calamitosa em que hoje se vive em relação às drogas teve sua origem na cobiça inglesa de obter divisas a qualquer custo, mesmo que fosse o do aniquilamento de um povo.^{102A}

Os navios estrangeiros só tinham permissão de fundear em Nagasaki, próximos à feitoria de Dejima. O Almirante Perry, no entanto, tinha uma missão a cumprir, e esta não se coadunava a obedecer regras estabelecidas pelo xogunato Tokugawa. Assim, “o comodoro faz ancorar suas canhoneiras no Golfo de Edo, dirige seus canhões contra a capital japonesa e entrega ao governo do *xógum* uma carta do seu presidente”,¹⁰³

No encontro prevaleceu a cordialidade entre as partes: os japoneses, por saberem que não poderiam enfrentar os modernos canhões dos navios dessa nova potência que surgiu, e os americanos, por darem um prazo longo para que o *xógum* refletisse sobre as exigências.

Depois do breve encontro, os navios americanos retornaram aos Estados Unidos.

Os japoneses entram em discussões apaixonadas. O retorno inquestionável à concepção divina do imperador é propugnado, em geral, pelos mais velhos. Os moços, principalmente, desejam mudanças para que Yamato pudesse igualar-se em poder aos ocidentais. O xogunato não resiste às fissuras abertas na sociedade que governaram durante 250 anos. A oposição cresce, “os *daimios* destituídos de pode-

res voltam a agitar-se, a camada enriquecida dos burgueses e comerciantes sonha com grandes lucros nos negócios ultramarinos, e até os camponeses explorados dirigem suas esperanças para o palácio imperial de Quioto”,¹⁰⁴

No início de 1853, Franklin Pierce determina que navios de guerra americanos, sob o comando do Almirante Matthew C. Perry, cruzassem o Pacífico rumo ao Japão, a fim de apresentar suas exigências para que os nipônicos abrissem seus portos aos americanos



“O comodoro faz ancorar suas canhoneiras no Golfo de Edo, dirige seus canhões contra a capital japonesa e entrega ao governo do *xógum* uma carta do seu presidente”

Em fevereiro de 1854, retorna a esquadra de Perry.

O *xógum*, por antecipação, já havia capitulado às exigências comerciais do Presidente Pierce. O almirante recebe autorização para desembarcar. “Trocam-se presentes; os mais seletos objetos envernizados e os mais belos brocados, contra um conjunto de instrumentos telegráficos, uma locomotiva em miniatura e uma seleção de máquinas agrícolas, armas e alguns caixotes de uísque. É este o primeiro antegosto que o Japão experimentava da civilização ocidental. (Morrison – Cammager).”¹⁰⁵

Em 31 de março de 1854 é assinado entre o Japão e os Estados Unidos da América o Tratado de

Kanagawa, que permitia aos americanos instalar consulados e utilizar determinados portos para reabastecimento.

O Japão não poderia resistir ao poder nascente dos Estados Unidos. Seus valentes guerreiros medievais seriam incapazes de qualquer resistência. Internamente, estava por acabar a era do xogunato. Ao fra-

co *xógum* Yoshinobu Keiki faltavam as energias necessárias para enfrentar a onda das mudanças.

O Japão abria-se para o mundo, e, mais uma vez, surgia nova página de sua fascinante história.

NO PRÓXIMO NÚMERO

A queda do xogunato

A era Meiji

Vitórias militares sobre a China e a Rússia

O Japão entra para o clube das "potências"

Hiroito

Primeira Guerra Mundial

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA> / História do Japão /; Kimmel, Husband E. (Alte. USN) /; Pearl Harbour /; Segunda Guerra Mundial;

BIBLIOGRAFIA

1. ZICRER, Otto. *Pequena história das grandes nações. Japão*. Círculo do Livro S.A. Caixa Postal 7413. 01051. São Paulo, Brasil. Publicado sob licença de Minerva S.A., Genebra, Suíça. Tradução: Adriano Zilhão. 1976, p. 7.
2. *Ib.*
3. *Ib.*
4. *Op. cit.*, p. 9.
5. *Ib.*, p. 10.
6. *Ib.*, p. 12.
7. *Ib.*, p. 14.
8. *Ib.*, p. 15.
9. *Ib.*, p. 11.
10. *Ib.*, p. 14.
11. *Ib.*, p. 16.
12. *Ib.*
13. *Ib.*, p. 18.
14. *Ib.*, p. 19.
15. *Ib.*, p. 21.
16. *Ib.*, p. 22.
17. *Ib.*
18. *Ib.*
19. *Ib.*, p. 23.

20. Ib.
21. Ib.
22. Ib., p. 24.
23. Ib., p. 26.
24. Ib., p. 28.
25. Ib., p. 30.
26. Ib.
27. Ib., p. 32.
28. Ib.
29. Ib., p. 35.
30. Ib.
31. Ib., p. 38.
32. Ib.
33. Ib.
34. Ib.
35. Ib.
36. Ib. p. 40.
37. MARTINELLI, Franco. *História da China*. Tomo I. Desde los inicios hasta la dinastia Ching. Editorial da Vecchi, Barcelona, 1975, p. 513.
38. ZICRER, Otto – *Pequena história das grandes nações. O Japão*, p. 41.
39. Ib.
40. Ib.
41. Enciclopédia Britânica do Mérito. Vol. II, Editora Mérito. São Paulo, Rio, Porto Alegre.
42. ZICRER, Otto – op. cit., p. 44.
43. Ib.
44. Ib., p. 42.
45. Ib., p. 43.
46. Ib., p. 45.
47. Ib., p. 46.
48. Ib.
49. Ib., p. 49.
50. Ib.
51. Ib., p. 50.
52. Ib., p. 51.
53. Ib.
54. Ib.
55. Ib.
56. Ib.
57. Ib., p. 54.
58. Ib.
59. Ib., 55.
60. Ib.
61. Ib., p. 56.
62. Ib., p. 57.
63. Ib., p. 58.
64. Ib.
65. Ib., p. 59.
66. Ib.
67. Ib.
68. Ib., p. 60.